

LITERATURA E ENSINO: UM OLHAR SOBRE O PODER DO TEXTO LITERÁRIO SOBRE O JOVEM DISCENTE

Giordana Di Paula Ferro (G. UEL)

RESUMO: Em seu trabalho “Formação de leitores e razões para a Literatura” (2009), Ricardo Azevedo aborda uma realidade recorrente sobre o clássico discurso imposto ao jovem futuro leitor a respeito da importância de ler determinadas obras literárias. Realmente há uma verdade nesta sentença, porém o “sermão” é geralmente pregado por adultos “não leitores”, assim essa relação pode não ser funcional pois, a visão de um adulto não leitor sobre uma produção literária não alcança a genuína riqueza de tal obra tomando-a por uma obrigação e fluindo por um viés “pedagógico”. Essa forma abrupta de incentivo à leitura é dispar a relação proposta da Literatura, sendo que o texto literário tem de entre como as inúmeras funções “abrir” possibilidades para novos horizontes, incomodar, “mexer com as estruturas” impostas pela sociedade, fazendo com que o indivíduo reflita sobre questões intimistas da humanidade. Porém levar obras consagradas ao “jovem leitor” é importante, sendo elas um retrato de aspectos sociais e históricos de uma determinada época, levando em consideração o fato de uma grande parte dos discentes só terão contato com esses textos na sala de aula. O foco do presente trabalho é no impacto que os textos literários causam em uma sala de aula por trazerem em sua estrutura essas questões que permeiam a natureza do homem com isso, a reação que as obras “Circuito fechado” de Ricardo Ramos e “A turma” de Domingos Pellegrini provocaram em alguns alunos foi importante para a primeira experiência “em campo”, pois foi possível vivenciar o “poder” da Literatura sobre o indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Texto; literatura; leitor.

1. Introdução

A partir da experiência proporcionada pelo estágio, o presente estudo é um relato sobre a vivência do primeiro contato com a sala de aula e não só como ocorreu a introdução de produções literárias como o seu impacto no jovem discente sendo ele um leitor efetivo ou não. Para a produção deste trabalho foram utilizadas informações recolhidas durante as atividades no período de estágio. Dentre as atividades efetuadas foram selecionados dois textos literários: um conto de Ricardo Ramos, “Circuito fechado” e uma crônica do autor londrinense Domingos Pellegrini, “A turma”. Para o embasamento foram selecionados textos sobre leitura lidos na disciplina de Metodologia, dentre eles: “Formação de leitores e razões para a Literatura” (2009) de Ricardo Azevedo, “Leitor: De analisador a reconstrutor” (1999)

de Mary Kato, “A leitura como retorno a si: Sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas” de Jouve, “A leitura, outra revolução” (2017) de María Teresa Andruetto e “A importância do ato de ler” (1989) de Paulo Freire.

2. Desenvolvimento

No texto “A importância de ler” (1989) Paulo Freire aborda o valor da leitura para a formação da “críticidade” de um indivíduo perante a sociedade, também ressaltando que as vivências desse indivíduo possuem um peso imensurável sobre a leitura do que é imposto pela escola. Jouve também fala sobre a carga de “subjetividade” que há na leitura e da relação em que o “leitor não apenas sai de si como também, retorna a si”. Essas ligações de “leitura de mundo” e “subjetividade” foram percebidas, e recebidas com muita satisfação no período de estágio com alunos do 9º ano de uma escola pública. Foram levados aos discentes obras de Clarice Lispector, Carlos Eduardo Novaes, Ricardo Ramos e Domingos Pellegrini. A proposta com os textos literários foi além de simplesmente trabalhar com os seus aspectos linguísticos, a ênfase era a questão da produção textual a partir do contato com as obras, pois foi através das criações dos alunos que ficou evidente a ação do discurso do autor sobre o jovem leitor. Este influxo apareceu em diversas situações das quais são elencadas as experiências com o conto de Ricardo Ramos “Circuito fechado” a crônica do autor londrinense Domingos Pellegrini “A turma”. A escolha do conto de Ricardo Ramos tem relação com a “estrutura” linguística e o sentido do texto que se completam sendo que o texto é constituído por substantivos, retratando uma rotina condicionada, “fechada”. Foram preparadas questões sobre o conto, sendo a primeira questão uma pergunta sobre o que seria o gênero textual “conto”, já as demais perguntas eram voltadas para a interpretação e compreensão do texto porém de uma forma mais “livre” e subjetiva sobre o que mais chamou a atenção no conto, sobre as palavras que não conheciam e por último a proposta com o texto “Circuito fechado” pedia que o aluno produzisse um texto contando a sua rotina utilizando a mesma estrutura linguística do conto, ou seja: o conto produzido em sala de aula deveria conter apenas palavras da classe gramatical dos substantivos de acordo com as ações do discente durante o seu dia.

A surpresa foi que nos textos de alguns alunos foram encontrados elementos que não faziam parte de um mesmo campo semântico das palavras utilizadas por Ricardo Ramos,

como por exemplo “risada” e “sonho”. Assim percebemos que os alunos fizeram uma leitura subjetiva da obra retratando essa subjetividade em seus próprios textos.

Outra surpresa, foi a participação durante a leitura em conjunto do conto “Circuito fechado” comentários como: “que vida chata”, “esse cara não vive” e “ele vai morrer de tanto fumar”. Tais comentários expõem as leituras feitas pelos alunos de uma forma “reconstrutora” ou seja, não tomando o texto como algo “estanque” e sim interagindo de uma forma funcional como se a narrativa naquele momento estivesse “viva”. Também foi percebida certa reação de “estranhamento” com palavras que não fazem parte do vocabulário dos alunos que pertencem ao contexto histórico do ano da primeira publicação do conto no ano de 1972. Palavras como “níqueis” e “memorando” eram desconhecidas para os alunos sendo assim, foi possível mostrar a eles a questão de palavras que caem no desuso ao serem substituídas por outras mais adequadas para o contexto.

A escolha da crônica “A turma” de Domingos Pellegrini não foi apenas pautada pelo assunto tratado pelo texto e sim o fato do autor ser londrinense, estar vivo e produzindo. Esses dados foram de extrema importância, pois é possível que tais informações aproximem o aluno de um autor de sua própria terra sendo que segundo Azevedo é comum que adultos, “não-leitores”, destaquem obras literárias já consagradas, porém tais produções de autores já falecidos e muitas vezes de outros estados brasileiros e até estrangeiros trazem uma realidade diferente do contexto em que o aluno se encontra, e muitas vezes a sua “riqueza”(estrutura linguística, contexto histórico, cultural e social...) não é bem trabalhada ou compreendida pelo jovem leitor. Esses tópicos também podem construir um certo “distanciamento” entre o texto e o leitor.

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, e este se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida. (AZEVEDO, 2009, p. 39)

Para Azevedo o ato de leitura deve ser uma relação proveitosa e rica para o leitor, permitindo a ele “adentrar” no enredo e exercer a sua subjetividade. Para o autor essa correspondência “leitor e texto” requer empenho, porém o “prazer” oferecido pela leitura fundamenta qualquer esforço.

É riquíssimo imaginar um cenário onde, juntos, adultos e crianças – em casa, numa sala de aula, seja onde for – possam trocar ideias e

impressões sobre assuntos diante dos quais ninguém, seja qual for a faixa etária, pode “ensinar”. Neste cenário, só é possível compartilhar experiências. Suspeitar ou sugerir, por outro lado, que crianças não tenham experiência de vida suficiente a ser compartilhada com adultos é ignorar a existência humana completa. (AZEVEDO, 2009, p. 44)

Azevedo diz que a “troca de experiências” entre adultos e crianças não apenas na escola é algo que deve ser mais bem aproveitado, pois essa permuta é constituída de um valor inestimável, pois a criança também possui um conteúdo rico para se dividir em questões que surgem em suas vivências. O autor termina a citação em destaque dizendo que as crianças carregam experiências para serem divididas e permutadas e que ignorar tal fato é o mesmo que desprezar a “existência humana”. É interessante que na sala de aula o aluno sintá-se à vontade para expressar seus sentimentos diante do texto literário sendo que muitos infelizmente só terão contato com tais textos na escola, e assim sendo o professor deve estar “aberto” para tratar dos assuntos norteados pela Literatura e também pela vivência do discente.

A crônica “A turma” foi muito bem recebida pelos discentes que prontamente participaram das atividades propostas referentes ao texto. Durante a leitura em conjunto, um dos discentes emocionou-se com a temática abordada. Logo após a leitura e comentários sobre o assunto foram aplicadas as atividades. A primeira questão, de cunho linguístico, pergunta o que é uma crônica; a segunda solicita que o aluno retorne ao texto para segundo o autor dizer quais seriam as influências de uma turma sobre um único indivíduo; na terceira questão o aluno precisa dizer qual é a sua opinião sobre as frases: “cansamos de ter turma e passamos a ser gente” e “o tempo da turma passa.” A quarta questão propõe que o aluno produza uma crônica dando a sua opinião sobre a importância de uma turma em sua vida. Todos participaram na execução das questões e na produção da crônica. Muitos perguntaram sobre “qual turma” deveriam escrever: a turma do bairro, da escola. Assim, é notável que cada aluno interage com mais de um grupo e sendo a produção de cunho pessoal foi permitido a eles que escolhessem sobre qual “turma” escrever. Surgiu uma variedade de textos e opiniões diversas sobre a “importância de uma turma”, houve frases do tipo “eu amo a turma”, “sinto falta da minha turma” e também “eu odeio a turma”. Esse fluxo de passionalidade nos enunciados foi de uma imensa importância para a confirmação da escolha acertada desse texto literário por abordar um assunto tão típico da faixa etária dos alunos, pois a aceitação e influência do grupo sempre foi uma problemática na vida do ser humano.

[...] Tais temas e assuntos, em que pese não aparecerem em livros didático-informativos, nem nas matérias do currículo oficial, são da maior importância e complexidade e não podem ser abordados. Afinal de contas, na vida concreta, todos os seres humanos, queiram ou não, estão, por exemplo, permanentemente mergulhados num processo de aprendizado e busca de autoconhecimento. (AZEVEDO, 2009, p. 41)

A “busca pelo autoconhecimento” é um ato recorrente do ser humano, e essa “busca” é facilitada pela Literatura através da abordagem de diversos assuntos do universo do indivíduo, porém Azevedo declara que nos livros didáticos essas questões que são condizentes a subjetividade não são trabalhadas.

Os bons livros são construções de mundos, artificios que nos obrigam a perceber outras vidas, imaginar outros caminhos humanos; essa é uma das razões mais fascinantes de escrever e de ler: olhar o mundo com olhos alheios, tentar entrar em outras condições de vida para compreender os demais, espelho, por sua vez, do desejo de compreendermos a nós próprios. (ANDRUETTO, 2017, p. 92)

Andruetto discorre sobre o “poder” de criar e adentrar outros “mundos” através dos textos literários, e não só captar e assimilar as circunstâncias que marcam a vivência do outro como também, pelo viés do texto chegar ao autoconhecimento mediante a abordagem das questões humanas. Sendo assim é necessário que o leitor esteja disposto a “abrir-se” para o enredo trazido pelo texto literário. Jouve defende uma leitura subjetiva dos textos, insistindo que “cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si.”

3. Conclusão

O texto literário carrega em sua constituição além de seu tema principal um retrato da sociedade na época de sua produção, um discurso ideológico e histórico tornando assim um documento capaz de trazer às novas gerações uma visão de épocas passadas, linguagem, costumes possibilitando uma comparação de contextos. Uma outra função do texto literário é a abertura para várias leituras a partir do enredo. Também tratar de questões humanas de diversas esferas faz com que o aluno ao entrar em contato com uma multiplicidade de

vivências e situações tenha uma compreensão e uma visão esclarecida do outro e também de si próprio.

Para uma leitura mais “profunda” e sensível é necessário que o discente colabore permitindo-se à uma leitura não só como uma atividade “intelectual”, mas também uma experiência prazerosa. Esses tópicos foram observados graças à experiência em sala de aula com textos literários. O contato com a Literatura deve ser satisfatório e prazeroso, porém também implica provocar, instigar o leitor a tal ponto a de fazê-lo refletir sobre temas de cunho subjetivo.

Sobre a experiência com os textos literários foi possível perceber a participação efetiva dos alunos diante dos assuntos tratados. No conto “Circuito fechado” foi evidente o estranhamento diante da estrutura linguística do texto e também a rotina “fechada” representada com o auxílio da seleção lexical usada pelo autor, porém nas produções dos alunos houve textos em que palavras de um campo semântico mais lúdico, subjetivo, estavam presentes. Também na crônica “A turma” os alunos sentiram-se à vontade para produzir uma “releitura” de sua experiência com um grupo social de sua idade com os mesmos interesses.

Referências:

ANDRUETTO, Maria Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura**. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: Editora Dcl, 2009. p. 38-46.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora/ Autores associados, 1989.

JOUBE, Vincent. **A leitura como retorno a si: Sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas**. São Paulo: Alamedas, 2002.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PELLEGRINI, Domingos. **A turma**. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/colunistas/domingos-pellegrini/>. Acesso em: 09 out. 2018.

RAMOS, Ricardo. **Circuito fechado**. São Paulo: Revista Macondo, 29 fev. 2012. Disponível em: <revistamacondo.wordpress.com/2012/02/29/conto-circuito-fechado-ricardo-ramos/>.

Acesso em: 09 out. 2018.